

Um olhar (enamorado) sobre a obra de Francisco J. C. Dantas

Maria Lúcia Dal Farra (CNPq)

Resumo: Este texto é uma homenagem a Francisco Dantas apresentada no Seminário Nacional Literatura e Cultura – SENALIC que aconteceu nos dias 06 e 07 de agosto de 2008 em São Cristóvão. Trata-se de um comentário acerca da recepção da obra de Francisco Dantas. Esse vôo de pássaro destaca como suas obras foram comentadas na época do lançamento. Há comentários sobre *Coivara da memória*, *Os desvalidos*, *Cartilha do silêncio*, *Sob o peso das sombras*, e *Cabo Josino Viloso*.

Palavras-chave: Francisco Dantas, romance contemporâneo, Literatura Brasileira.

Como se trata, hoje, de homenagear Francisco Dantas, começo por lembrar a vocês (e, sobretudo, ao próprio Francisco, que é muito modesto e subtraído) de como a crítica recebeu e tem recebido cada um dos seus romances, ao longo destes 17 anos, desde 1991, portanto, quando, então, ele comparece, pela primeira vez, no cenário da vida literária nacional. É minha intenção, nesta fala, percorrer a fortuna crítica que a sua obra conquistou, a história da recepção desta obra e de seus leitores, pontuando apenas uma ou outra das inúmeras apreciações, para que possamos, todos, ver emergir, diante dos nossos olhos, o panorama da sua trajetória, segundo os diferentes testemunhos do tempo.

E, sem mais delongas, começo, mencionando o leitor inaugural da sua obra. Refiro-me ao filósofo e notável crítico literário Benedito Nunes, que apresenta *Coivara da memória*, a sua obra de estreia, publicada pela Estação Liberdade de São Paulo em 1991, estimando, através das orelhas e do quarto de capa do volume, aquilo que ele chama de “escrita de implantação”. Segundo Benedito Nunes, com “escrita de implantação”, ele quer designar a planta que penetra a terra, enraizando-se em profundas camadas, metáfora que explicita a fusão dos dois solos em que, da sua perspectiva, se assenta o romance de Francisco: o solo como chão regional, como terra, suporte do Nordeste; e o solo literário, de afloramento das muitas tradições ficcionais microscopicamente incrustadas na matéria e forma desse “belo romance”: do regionalismo até o mítico supra-regionalismo de *Grande Sertão Veredas*.

Esse traço da fusão, do enraizamento profundo, o conceito que subjaz a esse teor de escrita, explicita em Benedito Nunes a compreensão da literatura na linhagem de T.S. Eliot, portanto, enquanto tradição e talento individual, enquanto releitura alheia, enquanto intertextualidade.

Tais fisionomias apontadas pelo filósofo literário são retomadas e alargadas, em seguida, na primeira crítica recebida pelo *Coivara da Memória* em importante periódico nacional. Estou me remontando ao acurado texto com que o saudoso poeta, ensaísta e crítico literário José Paulo Paes, saúda, numa daquelas páginas imensas de 3 palmos e meio do jornal *O Estado de São Paulo* (07/12/1991), o lançamento do primeiro livro de Francisco. E este crítico começa por garantir e testemunhar que poucas vezes o

romance brasileiro terá assistido a uma estreia tão segura de si. Compara-a, mercê da maturidade da sua escrita, a uma sua precedente ilustre: a estreia de Graciliano Ramos em 1933.

José Paulo Paes repara, então, que a linguagem “vigorosa e pessoal, rara de encontrar-se num romance de estreia”, que “o domínio do andamento da narrativa”, que a “capacidade de criar personagens verdadeiros” e convincentes, além da “opulência léxica” e inusitada do romance – asseguram esse lugar de destaque a *Coivara da Memória*. Argumentando assim com tais dados, ele vai encarecendo uma feição fundamental: o fato de esse romance ser “providencialmente fora da moda”, visto que aborda o mundo rural, quando toda a literatura da nossa modernice, como o diz, se dedica a questões urbanas. Visto que essa linguagem de “forte travo regional” segue na direção oposta da ficção contemporânea, pois que a obra de Francisco caminha contra um processo de apagamento das diferenças dos falares brasileiros – anulação que é típica da comunicação de massa e da “padronização de consumidores”, própria à produção em série – a qual José Paulo Paes critica.

O crítico aproxima, então, Francisco a Guimarães Rosa no que tange à “idêntica preocupação em reatar fios históricos intempestivamente cortados pelo açodamento da tesoura da moda”. O romance de Francisco comprova, ao Brasil moderno dos nossos dias, que a tradição nordestina tem ainda muito a oferecer aos leitores, desmentindo o diagnóstico dos historiadores da literatura que davam por finada essa fonte rumorejante.

Deste modo, José Paulo Paes vai comprovando, como num ensaio, a revisitação que Francisco faz do romance de 30, e de que maneira ele reatualiza cenas fundamentais de José Lins do Rego e de Graciliano Ramos, concluindo que, ao reatar tais linhagens temáticas, o autor de *Coivara da Memória* demonstra a riqueza de instigações que ele soube desenvolver com marcante originalidade, numa obra onde tradição e invenção se complementam e se enriquecem mutuamente. De maneira que, conclui José Paulo Paes (e eu cito) que, “ao entrar no corredor de ecos da intertextualidade brasileira, o estreante de *Coivara da Memória* não foi apenas recolher vozes alheias mas também ali fazer ouvir a sua, desde já inconfundível”.

O saudoso crítico e professor de literatura brasileira da Usp, desaparecido tão precocemente, João Luís Lafetá, já agora em outro importante periódico, a *Folha de São Paulo* (21/12/1991), vai ainda mais além, perscrutando, num texto arguto, o alcance do lançamento de um romance como este. Abordando o conceito de “negatividade” adorniano, ou seja, a crítica que *Coivara da Memória* estabelece tanto ao moderno quanto ao arcaico, Lafetá repara que esse sentimento de opressão que a obra nos passa, nos faz desconfiar (eu cito) que essa “história negra seja a alegoria assombrada do ambiente social brasileiro, da década de 30 à de 90”.

E, para culminar o rol de leituras que *Coivara da Memória* ganha então, lembro que um intelectual de renome e historiador da literatura brasileira, o Wilson Martins, declara, no *Jornal do Brasil* (30/04/1994), que Francisco pratica “claramente, um **outro** regionalismo, embora fosse o mesmo Nordeste”. Sustenta Wilson Martins que Dantas,

(eu cito) renova, na verdade, “a literatura de ficção: “a arte narrativa – para além de Guimarães Rosa – o que, teoricamente, parecia impossível”.

Como se pode constatar, o cerne das leituras inaugurais sobre a produção de Dantas outorga-lhe, de cara, uma apreciação de todo favorável, unânime, conferindo-lhe uma posição excepcional no cenário da literatura brasileira atual e não só enquanto crítica da realidade nacional. Agregam-lhe uma mão muito original, firme e vigorosa que, trabalhando uma tradição nordestina, provando assim que ela continua viva e latejante, a vai relendo pessoal e intransferivelmente, explicitando que tal linhagem pode oferecer à literatura nacional uma dimensão diversa e ainda mais fecunda. Segundo tais críticas, *Coivara da Memória* perfaz uma leitura do Brasil na contraposição das tendências vigentes do urbanismo, na contramão do achatamento e da standardização do linguajar brasileiro, indo ainda além de Guimarães Rosa, na literatura de ficção e na arte narrativa – o que, repito com Wilson Martins, “parecia impossível”.

Entrançando tais vieses formais e expandindo-os para frisar o teor de denúncia e crítica social, Arnaldo Jabor vai ler, nesse diapasão, o segundo livro de Francisco, *Os Desvalidos*, que ele considera, de fato, “um romance excepcional”. Ora. Na própria apresentação desse volume, publicado em 1993 pela Companhia das Letras de São Paulo, o notável crítico e historiador da literatura brasileira, o Professor Alfredo Bosi, já o apreendera (eu cito) como “um livro raro, um texto inspirado, uma obra de caráter”. Bosi sublinhava, então, n’*Os Desvalidos*, o equilíbrio alcançado por Francisco entre a oralidade (que, em *Coivara da Memória*, a crítica não demarcara em especial) e a dicção empenhadamente literária.

Agora, Jabor reconhece em *Os Desvalidos*, na sua crítica da *Folha de São Paulo* (16/11/1993), um Brasil “nascido em Euclides, nunca deixado por Graciliano, Cabral, Rosa” – um Brasil esmiuçado, mas tratado por nós com uma impaciência que a gente destina ao traste que nos incomoda. Francisco, ao contrário, puxa pra fora e dá visibilidade a esse Brasil velho e doente, através de personagens complexíssimas no seu desamparo.

E Jabor admite que o livro é ainda mais - e eu cito: “O livro é palavra por palavra trabalhado, como num filme, plano a plano. As palavras escolhidas na tradição oral não só narram a ação aparente, como apontam na direção de mil outros dramas, mil outras realidades; são palavras grávidas de uso, palavras-picuás, palavras-a-canivete, palavras seculares, palavras-baús guardando miudezas, formando um grande mostruário, uma feira de artesanato de um espantoso mundo desconhecido, este imenso caruaru que é o Brasil”.

Jabor vai acrescentando que a trama do romance se faz por cima desses cacarecos, trastes e badulaques que jazem, diz ele, como um ossuário onde tivesse sido derrubada a tarefa vã de quatro séculos de uma população massacrada. Que o romance é verdadeiramente a incorporação da linhagem física desse objetos da miséria, do ímpar conhecimento das comidas, dos gestos, das plantas, das mezinhas, das regras do jogo, dos rituais, convertendo-se num verdadeiro tratado da vida privada dos

desgraçados. Diante dessa obra, acentua ele, a nossa psicologia e os nossos objetivos industriais sem história – se tornam diminutos e amesquinçados.

E Jabor encerra o texto, com esta constatação absolutamente justa: que, assim como a sordidez ancestral do Brasil vem muito dos antigos donatários do Nordeste, também vem, do Nordeste para o Sul e para o restante Brasil, a semente da futura dignidade - guardada nos baús desses *Desvalidos*.

Também na reedição de uma obra notável que, aliás, nos guia permanentemente, a *História concisa da Literatura Brasileira* - Alfredo Bosi, por sua vez, já incluía a obra de Francisco como sendo aquela que abriu, de modo promissor, o último decênio do século XX. O mesmo faria Massaud Moisés na reedição da sua *História da Literatura Brasileira*.

Dentre a imprensa nordestina, onde se sobressaem nomes importantes em trabalhos sobre a obra de Francisco - tais como Iara Vieira, António Carlos Viana, Juraci Costa, Jeová Santana, Maruze Reis, Hunald Alencar, José Lima, Vieira Neto, Luís António Barreto, Francisco José Alves, Ronaldson, Eliana Mara Chiosi, Célio Nunes, Alberto Carvalho, Ezequiel Monteiro, por exemplo -, o renomado crítico Hélio Pólvora explicava, no jornal *A Tarde*, de Salvador, que o narrador de Francisco “costuma frequentar aquela “terceira margem” da escrita, apontada por Guimarães Rosa”, misturando habilmente os pontos de vista, questionando as personagens, quebrando de maneira intencional a linearidade. E concluía que esta era um das razões por que OD consegue ser ao mesmo tempo um romance moderno sem deixar de ser sertanejo e brasileiro.

Para além de muitos outros críticos, incluindo o próprio José Paulo Paes, a quem Francisco dedica *Os Desvalidos*, manifesta-se, então, oriunda da Academia, uma ilustre professora da Universidade Federal do Paraná, Marta Morais da Costa, publicando na *Revista Letras* (n.43, Curitiba: Editora da UFPR, 1994, pp.25-34) um denso ensaio sobre o romance. É ela quem vai estabelecer, pela primeira vez, a intertextualidade dos nomes conferidos às personagens, a intertextualidade dos títulos das três partes do romance (o cordel, a jornada, o exemplário), reatualizando um outro parecer recente de José Paulo Paes acerca da retomada, em *Os Desvalidos*, do tipo brasileiro do “pobre-diabo”, e perscrutando a literatura oral ali pulsante.

Encerrava a Professora a sua análise, pontuando que, como um Janus de duas faces, *Os Desvalidos* mira o passado literário, a literatura popular e o romance de 30, mas também olha para a frente, para as conquistas da ficção mais moderna: para o diálogo indireto livre, para a quebra da linearidade temporal, para a investigação do inconsciente, para a contradição como mola mestra da conduta dos personagens, para a paródia, para a metaficção - questionando a realidade social injusta, no sentido de superação das relações econômicas arcaicas, visando a história dos vencidos - e construindo, dessa maneira, um texto contundente, desvendador e moderno.

Não preciso mencionar, para vocês, ainda sobre *Os Desvalidos*, a montagem que o grupo Imbuça levou a palco, com música de Joésia Ramos, e nem o filme que, numa adaptação do livro, Francisco Ramalho dirigiu em 2006: o *Canta Maria* (com

Vanessa Giácomo, Marco Ricca, José Wilker, Edward Borgiss, e abertura sonora de Daniela Mercury).

O romance que Francisco publica em seguida, em 1997, ainda pela Companhia das Letras – *Cartilha do Silêncio* – é, de veras, um marco na sua obra. Nesta altura, e a propósito desta obra, a *Veja* (02/04/1997) trazia uma matéria assinada pelo escritor e crítico Ivan Ângelo, que sublinhava o texto de Francisco como o mais pessoal, o mais rico de invenções, o de maior repertório, de metáforas mais poderosas e de mais fortes lembranças.

Como se vê, todo um juízo sobre a obra de Dantas já se firmara, então. E visto que esta unanimidade dos críticos mais renomados em torno deste sergipano começa, então, a incomodar os comentaristas mais jovens, envolvidos num processo de mudança de guarda da crítica brasileira – era de se esperar (para qualquer momento) que uma polémica se esboçasse. E este cenário se desenha, de fato, na *Folha de São Paulo*, entre o comentarista de plantão Marcelo Coelho (04/04/1997) e a escritora premiada e emérita professora da Unicamp, Vilma Arêas (25/05/1997) – o que, sem dúvida, concorreu para conferir ainda maior visibilidade a *Cartilha do Silêncio*. E a repercussão foi imediata.

Enquanto Francisco recebia solidariedade de todos os seus pares, o ressentido artigo de Coelho era objeto de mais de uma centena de cartas indignadas dos leitores que bateram na redação da *Folha* (23/04/1997), e que lhe objetavam a “ignorância sociolinguística”, a “escrita urbanoide” alienada, o “aparato teórico precário”, a má-fé e a truculência – como refere, sobretudo, uma das cartas publicadas, a da professora da Universidade Nacional de Brasília, Lúcia Helena do Carmo Garcez. Em vista disso, num artigo intitulado “Leitores criticam a crítica”, publicado logo em seguida, o próprio ombudsman da *Folha* (03/08/1997), Mário Vitor Santos, se vê obrigado a sugerir a determinação de critérios mais firmes para evitar desmandos que tais contra os autores. E ele propõe, então, (cito) “adotar alguns caminhos que reforcem uma espécie de ética da crítica, que regule e contenha a aleatoriedade e a violência inerentes a qualquer juízo”...

Buscando botar panos quentes e ainda dialogar com a posição monolítica, Vilma Arêas observa a determinação de Francisco que, numa “espécie de teimosia criativa” muito estimulante, aliás, insiste em “se colocar à margem do gosto e da demanda atual”. Argumentando que a ficção de boa qualidade dá muito trabalho e leva frequentemente a um ponto radical as possibilidades de construção da língua, Vilma Arêas perguntava então de modo inspirado: “Não é verdade que, em se tratando de literatura, escreve-se com a língua, mas necessariamente, contra ela?” Afinal, dizer o que a língua sabe dizer – resulta, apenas, em não saber escrever...

Vale a pena narrar, aqui, um fato curioso. Como por encanto, um dia antes da publicação do infeliz comentário de Coelho, um representante da docência de literatura brasileira na USP, o Professor Valentim Facioli, estampa, no *Jornal da Tarde* de São Paulo (05/04/1997), uma página inteira (a tal de 3 palmos e meio) de alentada crítica a *Cartilha do Silêncio*. Nesta, Facioli sublinhava que justamente as “variações de registros de linguagem” é que “enriquecem a narrativa do [que ele julga ser o] mais

ousado romance do sergipano Francisco J.C. Dantas” – *Cartilha do Silêncio*. E, em uma clarividência espantosa, Facioli também reagia, numa sábia antecipação, a quaisquer futuras incompreensões ou misreadings que, eventualmente, pudessem pairar sobre o romance - desclassificando-os por antecipação e dando nome aos bois.

Ora. Facioli afirmava que os romances de Francisco, sendo bastante “sergipanos”, possuem, entretanto, um regionalismo de estatuto próprio e não podem ser tratados (cito) “maliciosamente segundo os critérios corriqueiros e os chavões que costumam pegar em obras ditas regionalistas”. Frisa, então, que os romances de Dantas são de estirpe própria, complexa, estirpe que não se perde na cor local ou nos tipos pitorescos ou na linguagem ornamental, porque eles bloqueiam tais dribladas de consumo fácil. São, segundo afirma, romances que exigem leitura apurada, esforço do leitor, negando-se à mercantilização corriqueira da sub-literatura ou dos conselhos pernósticos (cito) “dos magos correntes na praça e outros bichos...” Desta forma, assevera ele, para aquele leitor que aprecia uma boa e movimentada história, a fragmentação temporal de *Cartilha do Silêncio* quebra o enredo, porque essa história quer-se reprimida ou mesmo cancelada. O autor (cito) “se recusa a tomar a história desses personagens danificados e arruinados como capaz de qualquer exemplaridade válida - a não ser naqueles fragmentos fortes em que eles se revelam no seu dano, na sua danação e na ruína mesma”. Em *Cartilha do Silêncio*, a morte do enredo é consentânea à morte, sem exemplo e sem lição, dos personagens.

Cito: “As vidas arruinadas e as mortes solitárias e vazias não poderiam mesmo formar história contínua e movimentada para usufruto do leitor pouco exigente.” Esse é o modo crítico em que opera *Cartilha do Silêncio*, com sua linguagem renovada, sua estrutura desestruturada, negando (cito) “o otimismo cretino da indústria cultural”, através da ironia forte que o percorre questionando tudo.

E Facioli encerra seu alongado estudo, confirmando que “os leitores que se aventurarem pela *Cartilha do Silêncio* não de curtir um *abc* de muitas e fecundas lições literárias e humanas”.

Narro este fato porque - vale a pena conferir! - ele escancara de que maneira a reparação da afronta feita pelo comentário de Coelho se antecipara ao próprio gesto do detrator, neutralizando-o...

De resto, comprovando a sua excepcionalidade e numa espécie de desagravo, *Cartilha do Silêncio* foi destacado com um prêmio internacional notável, o Prêmio Internacional da União Latina de Escritores, outorgado a Francisco, em Palermo, capital da Sicília, na Itália. E pra que vocês tenham ideia do alcance dessa comenda, revelo que Francisco, representando o Brasil, concorreu com obras de autores de outros 35 países de língua românica. Francisco foi o primeiro brasileiro a ser honrado com este Prêmio já recebido antes por Juan Carlos Onetti, o grande escritor uruguaio que ele tanto admira. Cito, ao menos como curiosidade, que aqueles mais ilustres eram, por exemplo: de Cuba, Cabrera Infante; do México, Salvador Elizondo; de Portugal, Lúcia Jorge; da França, Jean-Marie Laclavetine; do Haiti, Dany Laferrière; e da Itália, Antonio Tabucchi (cf. Sergio Scialabba, *La Sicilia*, Catania, 24/10/2000).

Eu teria ainda que percorrer a fortuna crítica dos seus derradeiros romances, *Sob o peso das sombras* (2004) e *Cabo Josino Viloso* (2005), ambos publicados pela editora Planeta do Brasil, fazendo menção à participação de Francisco como finalista nos prêmios Estadão Cultural, Jabuti, Prêmio Literário de Passo Fundo, Prêmio Zaffari & Bourbon, Prêmio Portugal Telecom, bem como aos seus leitores acadêmicos, que trabalham a sua obra no Brasil e no exterior. Refiro, apenas rapidamente, as resenhas críticas na *Colóquio/Letras* de Lisboa, e os artigos, no *Público* de Lisboa, de Linda Santos Costa. Teria também de fazer menção às publicações especiais em cadernos de cultura dedicados a sua obra no *Jornal do Brasil* do Rio de Janeiro, no *Jornal A Tarde* da Bahia, no *Jornal O Galo* do Rio Grande do Norte, no *Jornal O Povo*, do Ceará, sem falar nas comendas e medalhas que Francisco tem recebido, sobretudo no Sergipe. Me ocorre, por exemplo, de uma recente homenagem que a Escola Superior de Magistrados do Rio de Janeiro lhe prestou no ano passado, encenando trechos de *Sob o peso das sombras*.

Mas fico por aqui, remetendo vocês para a última crítica de Antônio Gonçalves Filho, sobre estes derradeiros romances, a “Tragédia e farsa sob o sol do sertão”, publicada em *O Estado de São Paulo* (15/05/2005). Nesta, Gonçalves Filho assegura que Francisco delineia, num audacioso painel sobre o arbítrio, cuja arma é o sarcasmo, um verdadeiro tratado sociológico do Brasil contemporâneo. Romance da emblemática do poder e da perversidade que une vítima e algoz, *Sob o peso das sombras* é aquele, por sua vez, em que Dantas, segundo Gonçalves, “cria um novo gênero, ao misturar romance com ensaio crítico e crônica jornalística”.

E, para encerrar esta breve homenagem a Francisco, lembro que *Cabo Josino Viloso* traz, como *Coivara da Memória*, a apresentação do mesmo Benedito Nunes, que o vê (cito) como “poderosa água forte, temperada no ácido cáustico do sarcasmo”, que “origina uma gravura caricatural” de um malandro oportunista “a ser incluído na galeria dos pícaros”.

Assim, nas palavras de Benedito Nunes, o romance *Cabo Josino Viloso* nos ensina, de maneira altamente lúdica e jocosa, que a nossa manha brasileira não é brinquedo e que, nesse país de hoje, de estrelado céu azul – a boa vida e a atividade rendosa se associam numa farsa a ser levada por... todos.

E, concluo eu: que digam disso os mais recentes acontecimentos políticos!